

## **A confirmação do povo conversor e a irresponsabilidade amenizada: o caso do julgamento de 1759 nas missões orientais do rio Uruguai.**

Rodrigo Ferreira Maurer<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta proposta tem por objetivo repassar a série de documentos que consta na Coleção de Pastells, que tem por título: “*Declaraciones de nuevos testigos indios de cada uno de Los Siete Pueblo*”, afim de representar a maleabilidade da redução de São Francisco de Borja. Esta, postada em um espaço estratégico para os interesses platinos, o que supostamente acabaria diferenciando-a das demais reduções da banda oriental do rio Uruguai, quando assim eram determinadas as normas reais espanholas. Resultado este da sua condição como *redução fronteira*.

**Palavras chave:** Missões-guaranis, Geopolítica, Guerra Guaranítica, Batalha de Caiboaté.

**Summary:** This proposal has for objective to repass the document series that consists in the Collection of Pastells, that has for heading: “*Declaraciones of testigos nuevos indians of each I join of Los Siete Pueblo*”, similar to represent the malleability of the reduction of San Francisco de Borja. This, postada in a strategical space for the platinos interests, what supposedly river Uruguay would finish differentiating it them too much reductions of the eastern band it, when thus was determined the Spanish real norms. Result this of its condition as bordering reduction.

**Words key:** Mission, Geopolitics, Guaranítica War, Battle of Caiboaté

Acintosamente o ano de 1759, entraria para a história como o ano em que a redução de São Francisco de Borja, sacramentaria de fato a sua diferença quanto povo jesuítico perante as demais reduções orientais do rio Uruguai. Fato que ficaria registrado nas declarações dos índios guaranis da redução discutida. Registrar-se-iam, sobretudo, os motivos que levaram a negação de auxílio por parte deste povo para com a milícia guarani missioneira quando na época em Guerra Guaranítica<sup>2</sup>; mais precisamente o caso de Caiboaté<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Mestrando em História Regional na Universidade de Passo Fundo. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior CAPES, Brasil. Professor graduado em História licenciatura-plena pela Universidade da Região da Campanha - Urcamp -São Borja. Pesquisador voluntário da Casa da Imagem e Memória (CIM), Urcamp –São Borja. ferreiramaurer@bol.com.br

<sup>2</sup> “A própria denominação de “Guerra Guaranítica” implica uma idéia equivocada de conflito generalizado, visto que nem todas as reduções estavam envolvidas na permuta, ou sofreriam seus efeitos.” NEUMANN, p. 95. (jul./dez. 2004).

“Ao todo foram trinta e nove enfrentamentos, entre emboscadas, guerrilhas, furtos, embates localizados e combates em campos de batalha”. GOLIN, 1998., p.587

<sup>3</sup> Batalha de Caiboaté ou Caibaté foi a última resistência guarani frente as tropas ibéricas. Ocorreu no dia 10 de fevereiro de 1756; a mesma ficou registrada n o Diário de Francisco Graell. Teria durado ¼ de hora, levando a morte de vários guaranis entre eles o líder do movimento, Sepé Tiarajú. Para um melhor entendimento desta batalha, consultar RABUSKE, Pe Arthur. O povo de São Borja entre os anos de 1750 e 1757.

Através do documento “*Declaraciones de nuevos testigos indios de cada uno de Los Siete Pueblo*”, da Coleção de Pastells, ficam exibidas as temáticas e procedimentos que o povo de San Borja se pautava para não auxiliar na defesa do espaço oriental do rio Uruguai; no caso as missões dos Sete Povos. Ao mesmo tempo, esta circunstância colocaria em situação adversa a postura guerreira de certos povos missionários, quando assim enfrentaram com as suas forças as tropas ibéricas, no massacre de 1756.

Por este inquérito, ficam registradas certas tentativas por parte de alguns inicianos em retroceder as iniciativas guaranis de guerra; entretanto os mesmos não foram correspondidos.

Desta forma, as relevâncias tornam-se maiores ainda, uma vez que, podemos sintetizar que existiram objetivos contrários por partes de certas reduções. De uma parcela (a maior) existiu a convicção de manter-se no espaço missionário oriental. Por outro, a mesma convicção se fazia presente, porém com outra finalidade: o de continuar preservando o próprio espaço, no caso a redução propriamente dita. E é exatamente este procedimento que referimos à redução de San Borja. Esta teve por motivo único manter vivo o eixo conversor ao qual lhe coube sob o rio Uruguai. Assim, as diferenças de objetivos são completamente claras!

Não podemos igualar uma redução com estas características aos missionários simbolicamente falando, em vista que esta não se postou de tal forma. Devemos sim, tentar desvelar os objetivos que levaram a redução borjista a descompor um assunto de tão grande importância e interesse para a época; a final de contas estava em jogo todo um projeto de impactos significantes para a formação do espaço platino.

O povo de San Borja, na sua proporção não fez esforços para tentar encontrar alternativas que agradassem ao mesmo tempo os interesses régios e assim o colocassem como um elemento participativo da eloquência missionária. Isto pode ser registrado pelo simples fato que todos os depoimentos coletados na redução, registraram a indiferença por parte da mesma em envolver-se com a “campanha de repúdio” aos ibéricos.

Comparando as declarações expostas, pode-se constatar os fatos históricos da época, como um legado para a retórica da pesquisa missionária em tese, em vista ser esta indagação

mais uma peça para o “grande quebra-cabeça” da historiografia platina, denominada de os Sete Povos das Missões.

Porém alertamos para fins de pesquisa que nesta mesma coleção, existem passagens importantes que simbolizam o momento de aflição por parte de outros povos do projeto reducional do Prata, comprovando assim, um envolvimento condizente para o assunto em *priori*.<sup>4</sup>

Sem entrar nos méritos da coleção de Pastells, podemos sintetizar o inquérito como resultado de um lado só. Uma vez que interpretamos o mesmo, como decorrência de um instrumento amenizador dos erros ibéricos. Erros que ao seu montante, eclodiram na escolha de um culpado moribundo; no caso Sepé Tiarajú.

Automaticamente ao escolher seu culpado, os “agentes sociais da lei” acabaram absolvendo aquele que de fato deveria ser “sentenciado”; no caso: Bernardo Nusdorffer. Este sim o responsável direto por todo o desgaste social implantado nas missões e o centro irradiador da discrepância derradeira.

Em contrapartida para o “Projeto Madri”, dava-se por encerrado todo um processo de averiguação dos envolvidos. Desta forma ao encontrar “os infratores”, o mesmo acabou isentando-se do fardo da responsabilidade. Uma vez que se fez necessário, o reconhecimento por parte dos sobreviventes das missões, do (s) verdadeiro (s) culpado (s) do seu declínio.

Refletimos: \_Caso os representantes ibéricos não tivessem conseguindo “detectar os causadores” da desgraça, conseguiriam os mesmos instalar-se no antigo espaço das missões de forma amistosa?

---

3 Excepcionalmente, inúmeras reduções manifestaram seu apoio para a luta missioneira, uma vez que, antes de ter sido um movimento de interesse exclusivo dos Sete Povos; a Guerra Guaranítica foi um fato da época em que alvoroçou todo um projeto em prática do momento, ou seja, o movimento em si, antes de qualquer coisa, foi um movimento em pró a um novo projeto. Este de certa forma apresentou-se para estas reduções (fosse da costa oriental ou da costa ocidental) como um projeto com provas exatas para uma suposta ruptura ou degradação de um sistema contínuo e aprazível na América Meridional, ou seja, no espaço espanhol. Desta forma deve-se ressaltar as temáticas de atuação e empenho por parte de outras reduções, tais como: Yapeyu, La Cruz, Nossa Senhora do Loretto, La Concepción, Apostoles, entre outras. Reduções que não compuseram geograficamente o espaço dos chamados Sete Povos, mas que posicionaram-se a favor da causa da grande parcela guarani oriental dos Tapes.

Contudo, podemos simbolizar convictamente que San Borja manteve-se fiel às prerrogativas da sua posição geopolítica como já mencionamos anteriormente.

Pelo inquérito copilado dos depoentes da antiga redução, pode-se perceber o descomprometimento que foi implantado no povoado quando descobriram dos pedidos de auxílio por parte de Sepé Tiarajú.

*Fernando Tucú, e Romualdo Ibaraza*, foram somente dois depoimentos entre os oito, que escolhemos para simbolizar e confirmar esta parcialidade; ou seja, o de não apoiar os objetivos daquele que era para o momento o representante maior dos interesses missioneiros. Ao desconsiderar os pedidos de ajuda à Sepé Tiarajú, San Borja legitimava em documentos o que já vinha acontecendo por muito tempo, isto é, um desmerecimento/isolamento convicto e aceito por seus agentes sociais aos “Seis Povos” das Missões.

Em contrapartida, pelos relatos dos demais depoentes dos povos selecionados, fica nítido o sentimento guerreiro de ambos.

Em qualquer um dos casos em discussão a presença de repulsa é visível em seus relatos.

Três aspectos acabam fazendo presença no discurso dos interrogados: O primeiro é que eles não aceitariam a presença ou a intervenção de conviver com os representantes ibéricos nas suas reduções (mesmo que em muitas vezes apareçam somente portugueses).

O segundo detalhe diz respeito ao fato em afirmar que Nusdorffer de certa forma foi o responsável pelo desgaste e a ruptura de vossas confianças para com novos empreendimentos. A terceira e talvez a principal questão é que eles reconheceram os esforços aplicados pelos padres curas dos seus antigos povoados na tentativa de comovê-los a desistir da resistência.

Contudo, não podemos desconsiderar um fator de fundamental importância, para formalizar a problemática do processo reducional da banda oriental do rio Uruguai: Isolando San Borja, os demais povos, estiveram imbuídos na resistência pela conservação dos seus espaços. E isto de certa forma, foi o que diferencio-os em relação ao povoado borjista!

É exatamente este detalhe de sentimento que julgamos ser interessante analisar, para podermos compreender os porquês de não julgar a redução de San Francisco Borja como um missioneiro; mas sim como um centro conversor das missões.<sup>5</sup>

Explicitamente um excesso de “coincidências”, contribuiu para a não aceitação do “pueblo” de San Francisco de Borja para com os demais povos da banda oriental do rio Uruguai, entre os quais o de maior impacto partia exatamente dos administradores superiores jesuíticos. Estes, os responsáveis diretos para o repasse de informações nas missões, fato mencionado, por exemplo, na maneira como divulgaram a não participação da redução na Batalha de Caiboaté em 1756.

Entretanto este ato assim como tantos outros que a redução apresentou; estavam intimamente relacionados ao seu posicionamento geográfico. Fator que pode ter prevalecido quando os administradores da égide espanhola e os jesuítas fundaram a redução discutida em 1690.

A que deve relacionar o cuidado especial que se teve por San Borja, para que esta pudesse assim ter usufruído de um porto único e exclusivo para escoar suas mercadorias para o estuário do Prata? Sendo que os demais povos missioneiros faziam o mesmo, mas em um “porto em conjunto”, isto é; o de São Nicolau, pelo rio Piratini (afluente do Uruguai).

Outro fato importante passa pelo aspecto de constatarmos e explicarmos a distância à qual a redução citada se posicionava do restante das missões-guaranis?

Entretanto salientamos que este isolamento pode também estar relacionado a duas questões que envolveram o Rio Uruguai, mesmo que de forma sem comprovação até o momento:

---

<sup>5</sup> Quando referimos San Borja como centro conversor das missões, não estamos querendo tirar os méritos da antiga redução como componente do espaço missioneiro; até porque por questão de organização do projeto reducional na América Meridional entre os séculos XVII e XVIII, todos os povos dependendo da sua prosperidade foram considerados missões. Entretanto ser considerado é uma condição diferente de corresponder-se missioneiro. Ser missioneiro era e ainda é uma questão que deve estar intimamente relacionada conforme o consentimento social, educacional, dos seus agentes sociais. Desta forma, quando simbolizamos ser missioneiro, estamos posicionando San Borja como uma redução anômala a esta identidade, justamente porque a mesma postou-se assim por durante todos os anos da sua existência. Por este fato, representamos a redução de San Francisco de Borja como um centro conversor das missões, mas desassociada ao sentimento missioneiro.

Em quais épocas do ano ocorriam as cheias? E até que ponto o mesmo pôde ou era navegável? Porém somente tais fatores não seriam suficientes para confirmar a redução como o ponto chave do sentido geopolítico do espaço missioneiro; se a mesma não comporta-se uma característica peculiar: o de servir como uma redução conversora.

Foi para firmar um ponto estratégico para as comandâncias militares que a Companhia de Jesus, a serviço do rei espanhol fundou a redução de San Francisco de Borja. Um posto avançado confirmava-se em um espaço constantemente ameaçado por invasões de várias naturezas; transformando-o assim, em uma espécie de “amortecedor missioneiro”, isto é, uma verdadeira e legítima redução fronteiriça.

Desta forma, registra-se através deste legado a prosperidade e o centro conversor desta redução que com toda certeza representou-se como um ponto importante, tanto para os assuntos administrativos, quanto para a circunstância de ser um posto avançado na banda oriental do rio Uruguai.

## REFERÊNCIAS

### Fontes e series documentais:

ANAIS Simpósios Nacionais Missioneiros.

ANAIS Simpósio Nacional de História, 2007.

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS JESU- (ARSJ)Roma/ Itália

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL- (AHRGS)

CENTRO DE CULTURA MISSIONEIRA - (CCM)

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS/UNISINOS

BARRAL, G. A. Rebeliones em la América española.Madri: Mapfre, 1992.

DOCUMENTOS para La História Argentina – Tomo XX. Cartaz Anuas de la província del Paraguay, Chile e Tucuman, de la Compañia de Jesús. Buenos Aires: Talleres SA, 1929.

ESCANDÓN, Juan. História da Transmigração dos Sete Povos Orientais

PASTELLS, Pablo. História de La Compañia de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil). Tomos I a VIII. Madri, Libreria General de Vistoriano de Preciados, 1912.

SEPP, Anton.1655-1733. Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos apostólicos. São Paulo, Martins, Ed. Universidade de São Paulo, 1972.

### Bibliografia Contemporânea:

ANDRIOTTI, Décio. Os compositores do Padre Sepp. Anais X Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros. Santa Rosa: UNIJUI, 1994.

AVÉ- LALLEMANT, Robert. Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858). São Paulo: EDUSP, 1980.

BAGUET, A. Viagem ao Rio Grande do Sul/ A. Baguet. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: PARAULA, 1997.

BESCHOREN, Maximiliano. Impressões de Viagem na Província do Rio Grande do Sul, (1875/1887). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989.

BOFF, Claudete. A imaginária Guarani: O acervo do Museu das Missões. Santo Ângelo: EDIURI, 2005.

BRUXEL, Arnaldo. História da transmigração dos Sete Povos Orientais. PESQUISAS, São Leopoldo, Instituto Anchietao, 1982.

CAMARGO, Fernando. O Malón de 1801: a Guerra das Laranjas e suas implicações na América Meridional. Passo Fundo: Clio Livros, 2001.

COLVERO, Ronaldo. Negócios na madrugada: o comércio ilícito na fronteira do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: UPF, 2004.

CUSTÓDIO, Luis Antonio Bolcato. Missões Jesuíticas Arquitetura e Urbanismo. In: Memorial do In: Memorial do Rio Grande do Sul. Caderno de História, nº21.

FLORES, João Rodolpho Amaral. A vila de São Borja (1834-1887) numa conjuntura de transição: História sócio-econômica e geopolítica. Dissertação de mestrado. UNISSINOS, 1996.

- FLORES, Moacyr. Colonialismo e Missões Jesuíticas. EST. Instituto de Cultura Hispânica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1983.
- GAY, Cônego João Pedro. História da República Jesuítica do Paraguai\_ (desde o descobrimento do Rio da Prata até os nossos dias, ano de 1861.) 2ª ed. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942.
- GRAELL, Francisco. O passado missioneiro no diário de um oficial espanhol/ Francisco Graell; tradução: Alba Olmi. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.
- GOLIN, Tau. A Guerra Guaranítica: Como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul. 2ª ed. Passo Fundo: EDIUPF, Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- \_\_\_\_\_. A Fronteira: Governos e Movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina. LePM, Porto Alegre, 2002.
- GOMES, Roselene e QUEVEDO, Júlio. São Nicolau. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed. 2003.
- HANSEL, José. História dos Sete Povos das Missões. Livraria Missioneira, santo Ângelo, Rio Grande do Sul, 1950.
- HARTMANN, Olmiro E., Pe. Missões na fronteira oeste. Indústrias Gráficas Shneider Ltda. Cerro Largo – RS, 1969.
- ISABELLE, Arsene. Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.
- KERN, Arno Alvarez. O “Modelo Político” das Missões Jesuíticas. In: Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros. Canoas, Ed. LASALLE, 1985.
- KERN, Arno Alvarez. Ações evangelizadoras e culturais de missionários portugueses e espanhóis no Rio Grande do Sul do Brasil. Braga: Congresso Internacional de História\_ Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas, 2º vol. 1993.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5ª ed. Campinas/ São Paulo. Ed. UNICAMP, 2003.
- LUGON, Clóvis. A República comunista cristã dos guaranis.
- MAURER, Rodrigo. In Artigo: Redução de São Francisco de Borja: a expressão da função política da Companhia de Jesus a leste do Rio Uruguai. Revista do I Seminário Cultura e Memória –São Borja, dezembro de 2007.
- NEUMANN, Eduardo. O trabalho guarani missioneiro no rio da Prata colonial (1640/1750). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.
- . Fronteira e identidade: confrontos luso-guarani na Banda Oriental – 1680/1757. Revista Complutense de Historia de América, Madrid,2000.
- OLIVEIRA, J. : Uma etnologia dos “índios misturados”. Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. MANA 4: 1998
- O’Malley, John W. Os primeiros jesuítas. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- PANIAGUA, Edson Romário Monteiro. Fronteiras, violência e criminalidade na Região Platina. O caso do município de Alegrete (1852-1864). Dissertação de Mestrado, UNISSINOS, 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História do Rio Grande do Sul. 8. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997
- PORTO, Aurélio. História das Missões Orientais do Uruguai. Porto Alegre, Livraria Selbach, 1954.
- QUEVEDO, Julio. As missões jesuítico-guaranis em tempo de despotismo esclarecido, século XVIII. In: Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, 1991.



- QUEVEDO, Julio e FILHO, Carlos César Bento. Povoados Missioneiros e Identidade Regional. In: Rio Grande do Sul - Aspectos da Cultura. Harry Rodrigues Bellomo (Org). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- QUEVEDO, Julio. Rio Grande do Sul. Aspectos das Missões (em tempo de despotismo esclarecido). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- QUEVEDO, Julio Guerreiros e Jesuítas na Utopia do Prata. Bauru/ SP: EDUSC, 2000.
- RABUSKE, Pe. Arthur. O povo de São Borja entre os anos de 1750 e 1757. In: Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros. Canoas, Ed. LASALLE, 1985.
- RILLO, Apparício Silva. São Borja em perguntas e respostas. Monografia histórica e de costumes. Coleção Tricentenário, 1982.
- RILLO, Apparício Silva e O'DONNELL, Fernando O.M. Populário são-borjense. Ed. Nova Prata, São Borja, 2004.
- RISSOTTO, Lusi Rodolfo Gonzales y GONZALEZ, Susana Rodrigues Varese. Guaranies y paisanos
- RODRIGUES, Claudio Oraindi. São Borja e sua História\_ Coleção Tri-Centenário, nº 1. 1982.
- SAINT-HILAIRE, August. Viagem ao Rio Grande do Sul. Martins Livreiro, 1997.
- SEMPÉ, Moarci Matheus. O Padre Francisco Garcia e a fundação de São Francisco de Borja. In: Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros, Santa Rosa, 1979.
- SEMPÉ, Moarcy. São Francisco de Borja. O primeiro dos sete povos. Coleção Tricentenário, 1982.
- \_\_\_\_\_. As festas reais de São Borja em 1760. In: Anais V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros. LASSALE, 1985.
- SEVERAL, Rejane da Silveira. A Guerra Guaranítica: POA: Martins Livreiro, 1995.
- \_\_\_\_\_. Jesuítas e Guaranis face aos impérios coloniais ibéricos no rio da Prata. Revista de História Regional 3 (1): Verão 1998.
- SILVEIRA, Hemetério José Velloso. As Missões Orientaes e seus antigos domínios. Porto Alegre, Typografia da Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909.
- SUSTERSIC Bozidar, El “insigne artífice” Jose Brasanelli. Su participacion en la conformacion de un nuevo lenguaje figurativo en las misiones jesuíticas-guaranies . Universidad de Buenos Aires. Argentina (artigo)
- \_\_\_\_\_, El Hermano José Brasanelli y las Posibilidades de la Reconstrucción de su Trayectoria Biográfica y Artística. In Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros- Santa Rosa, Ijuí, ED. UNIJUÍ, 1997.
- TEN CATEN, Odécio. Forma(s) de governo nas reduções guaranis. Porto Alegre. Ed. Sergio Antonio Fabris. S/D.
- TESCHAUER, Pe. Carlos. História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos. UNISSINOS, 2002.
- VIEIRA, Eurípedes Falcão. Rio Grande do Sul: Geografia Física e Vegetação. Porto Alegre: Sagra, 1984.
- VIEIRA, Alexandre.
- Pensamento político na Guerra Guaranítica. Justificação e resistência ao absolutismo ibérico no século dezoito. (tese de doutorado- UFSC- Florianópolis, julho de 2005).